

O MACHISMO EM IMAGENS

Evaldo Miranda de Araújo

Estudante da Licenciatura em Educação Artística – UFPB

Participante do Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais (DAV/UFPB)ⁱ

Resumo:

Este projeto aborda o machismo em imagens e na arte paraibana. Explora as interfaces entre as relações de gênero e as artes visuais. O público alvo do projeto são os estudantes do nono ano da segunda fase do Ensino Fundamental da E.M.E.F. Prefeito Eptácio Dantas, no município de Mari-PB. Ao trabalhar com imagens do cotidiano ampliamos os horizontes culturais em relação às questões de gênero. Estabeleceram-se condições para uma melhor compreensão do que somos, respeitando as diferenças e amenizando as relações de poder entre homens e mulheres.

Palavras-chave: Machismo, imagens, Artes Visuais, Arte Paraibana, Relações de Gênero

Abstract:

This project concerns the male sexism represented in images and art from Paraiba. It explores the interfaces between gender relationships and visual arts. The project target are the students from the ninth grade of the second phase of Elementary School of the Mayor Eptacio Dantas Municipal Elementary School, located in Mari-PB. When working with day-to-day images, we broadened the cultural range of perception regarding gender. It was created an environment for better understanding of who we are, for respecting differences and softening power relationships between men and women.

Keywords: male sexism, images, visual arts, art from Paraiba, gender relationships.

Introdução

O machismo em imagens foi uma experiência pedagógica vivenciada no ensino das Artes Visuais, no 9º ano, do turno da tarde da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Eptácio Dantas, localizada no município de Mari-PB. O projeto foi realizado na modalidade “estágio supervisionado”, no período de 31.10.08 a 12.12.2008. Contou com a orientação do prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento, responsável pela disciplina Prática de Ensino das Artes Plásticas, do Departamento de Artes Visuais, no Curso de Licenciatura em Educação Artística, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A orientação teve uma importância fundamental para ajudar no processo de sistematização, execução e avaliação do projeto.

Ao optar pelo tema “machismo”, estabelecemos discussões relacionadas com as Artes Visuais associadas aos Estudos de Gênero. As imagens, sobretudo às da arte paraibana, são a “matéria prima” para a

abordagem dessa temática, permitindo um contato do alunado com diferentes culturas e suas representações imagéticas em diversas formas como, por exemplo: obras de arte, propagandas, televisão, revistas, etc. contribuindo para a ampliação de novos horizontes artísticos e estéticos.

Como a reflexão e a apreciação sustentam e norteiam as ações pedagógicas desse projeto, também foram incluídas as atividades gráficas que se deram basicamente por intermédio da composição de desenhos elaborados pelos alunos relacionados ao tema (machismo).

Este projeto aborda, de forma simples e objetiva, o machismo em imagens sem perder de vista o entendimento da complexidade da temática. É motivador poder colocar em pauta um assunto que, embora esteja bastante presente no cotidiano, é pouco explorado e discutido no contexto escolar.

A importância da relação entre Artes Visuais e Relações de Gênero

Apesar de todo o processo de mudanças que a sociedade contemporânea vem vivenciando, ainda é muito forte e visível o machismo nas relações sócio-culturais e no “imaginário” histórico social brasileiro. Tendo em vista a relutância e persistência do machismo, é relevante que a escola também explore a temática, de modo a não ser conivente e muito menos favorável à manutenção do machismo no nosso sistema de educação. Educar é um ato político. É a partir desse entendimento que se constroem mecanismos para interferir num determinado contexto, na intenção de manter ou modificar uma realidade.

Como o avanço tecnológico em diversas áreas do conhecimento, podemos observar que o modo de vida das pessoas também se modificou ao longo do tempo. Na Revolução Industrial, momento em que a mulher passou a ser inserida no mercado de trabalho no moldes do sistema capitalista, cuja lógica e mecanismos de regulação persistem até os dias de hoje, implantou-se e se impôs uma nova e complexa reestruturação social, não só em termos de relações trabalhistas, mas também na relação de poder entre homens e mulheres. Zenia Durani, em seu livro “O Despertar da Mulher é o Despertar do Homem”, reforça este entendimento quando afirma:

Com o advento da industrialização, a mulher foi obrigada ou impulsionada a participar do trabalho produtivo. Embora com isto tenha se tornado, de saída, uma mão-de-obra explorada, com sua conseqüente desvalorização propagada pela ideologia do sexo dominante, foi o mesmo contato com o mundo externo e com a discriminação sexual que despertou a mulher para sua própria realidade. Como uma mola propulsora, isto então também funcionou no sentido inverso – projetou-a na conquista da conscientização feminista (DURANI, 1986, p. 36)

Alimento a suspeita que estamos passando por uma etapa de transição na qual os conflitos entre homens e mulheres se intensificam ou se amenizam à medida que as mulheres despertam para um “novo mundo”, uma nova maneira de participar e construir outras realidades sociais.

Enquanto as mulheres ganham espaço e ampliam suas possibilidades de interação com o seu contexto social e cultural, os homens assistem constrangidamente o poder lhe fugindo às mãos. Perplexos diante de uma nova ordem, mantida durante séculos por uma cultura patriarcal, o homem muitas vezes não sabe lidar com tal situação e de várias maneiras tenta impedir esse processo de libertação da mulher, travando a si próprio. A esse respeito, é possível afirmar:

A partir do despertar da mulher, pode dar-se o despertar do homem. Para um novo tempo. Em que o homem não seja esmagado enquanto tal, como muitos entendem erroneamente. Mas em que, tanto o homem como a mulher, possam resgatar o sentido do humano, para um viver mais total. Sim, um novo tempo. Quando então sentaremos frente a frente, de igual para igual, cada um reconhecendo mais livremente suas limitações e usufruindo de forma plena suas virtudes e paixões (DURANI, 1986, p.20).

Tal atitude acaba por intensificar e provocar uma onda de violência psicológica e física contra as mulheres, que desencadeia numa série de conseqüências negativas capaz de atingir todos os campos da vida social, passando pelas relações familiares, de amizade, trabalho, entre outros setores, até chegar ao próprio homem, funcionando como um “efeito dominó”.

Trabalhar relações de gênero na perspectiva do machismo em imagens nas escolas é um ato solidário e de justiça social com os nossos alunos, já que este traço cultural é bastante forte na nossa sociedade. Dessa

forma, é possível estabelecer condições para uma melhor compreensão do que somos, respeitando as diferenças e desfrutando da riqueza que a variedade nos oferece.

No período de março a dezembro do ano de 2007, o CEFET, junto com outras instituições, promoveram um curso com carga horária de 160 h/a voltado para a capacitação de professores. O objetivo era trabalhar no currículo escolar com temas transversais como Orientação Sexual e Equidade de Gênero através da interdisciplinaridade. A princípio, o tema me interessou pelo fato de entender que as questões abordadas no curso iriam ampliar a minha visão e entendimento como educador e que era pertinente a necessidade de trabalhar com tais temáticas em alguns momentos da aula com meus alunos, independente da disciplina a qual sou responsável. No decorrer do curso foram surgindo idéias em associar tais conteúdos às aulas de Artes Visuais.

Um dos objetivos do curso, ministrado pelo CEFET, foi a elaboração de projetos educacionais desenvolvidos por seus participantes e baseados no conteúdo programático abordado ao longo do curso. Resultaria, conseqüentemente, na produção de uma cartilha lançada pelo Ministério da Educação e que seria posteriormente distribuída para as escolas da rede pública de ensino, como um material referencial prático e teórico das experiências vivenciadas.

No meu caso, especificamente, foi viável e oportuno desenvolver uma só proposta educativa que atendesse aos requisitos exigidos pelo curso do CEFET e também as da disciplina de Metodologia do Ensino das Artes Plásticas, do curso de Educação Artística da UFPB, que tinha como responsável o professor Dr. Erinaldo Alves Nascimento já referido anteriormente, pois os dois cursos estavam sendo vivenciados no mesmo momento. Essa foi basicamente a situação que favoreceu o meu interesse pela temática e, conseqüentemente, o desenvolvimento de um projeto intitulado "O Machismo na Arte Paraibana" que serviu para cumprir as demandas dos dois cursos.

O interesse de trabalhar com essa temática também tem relação com a necessidade de tornar as aulas de Artes Visuais mais significativas, a partir de situações ligadas ao cotidiano dos próprios alunos. Como trabalhar o machismo nas aulas de Artes Visuais? Essa foi a pergunta que me impulsionou

a buscar alternativas que pudessem dar repostas ao desenvolvimento de uma proposta pedagógica que integrasse as relações entre arte e vida.

A princípio, pensei em trabalhar apenas com obras de artistas plásticos paraibanos, mas isso limitaria o raio de abrangência em termos de repertório imagético. Seria necessário encontrar uma forma de buscar algo que já fizesse parte da vida dos alunos. Cheguei à conclusão que uma alternativa seria trabalhar o machismo em imagens. Dessa forma, poderiam ser trabalhadas as imagens de diversos contextos, como propagandas, televisão, revistas e obras de artistas plásticos.

Perfil da Escola

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Epitácio Dantas fica localizada no centro do município de Mari/PB, cerca de 70 km da capital de João Pessoa, no Estado da Paraíba. A estrutura da escola não é muito diferente da maioria das escolas públicas brasileiras de Ensino Básico.

A maioria dos professores possui nível superior e curso de especialização. A escola funciona nos três turnos e atende uma média de 300 alunos por turno. Um percentual significativo desses estudantes é da zona rural, que dependem de ônibus da prefeitura do município para chegarem à escola. São, em sua maioria, adolescentes e jovens de famílias carentes, que enfrentam uma série de dificuldades para se manterem na escola.

Ponto de Partida

Por fazer parte do quadro de professores efetivos e responsável pela disciplina de Artes da escola Epitácio Dantas, isso possibilitou um rápido levantamento de dados referentes à realidade e ao contexto que os estudantes estavam inseridos.

Depois de ter a idéia e idealizar um roteiro prévio, chegou o momento de apresentá-lo aos alunos e, de fato, iniciar a intervenção nas aulas de Artes Visuais. Apesar da escolha do tema não ter partido dos estudantes, entendíamos ser muito importante envolvê-los na decisão e no desenvolvimento do projeto. A proposta foi aceita e acolhida por todos. Isso me

deu bastante ânimo para iniciar o processo e tentar seguir com o planejamento idealizado junto com o professor orientador do projeto, sempre aberto às novas possibilidades.

A execução do projeto teve início no dia 31.10.08 e terminou no dia 12.12.08. Esse foi um período fértil e muito rico em discussões acerca desse tema com os alunos do 9º ano do turno da tarde na Escola Epitácio Dantas.

Breve Narração da Experiência

O primeiro encontro para discutir o machismo com os alunos foi muito descontraído. O objetivo era sondar, de forma discreta, o repertório cultural e socialmente construído dos estudantes sobre o tema. Preferi introduzir a discussão a partir de uma música que tivesse uma relação com o machismo, do que fazer uma pergunta direta e objetiva. Escolhemos “ai, que saudades da Amélia”, de Ataulfo Alves e Mário Lago.

Após ouvirmos a música juntos, em seguida começamos a analisar o conteúdo de sua letra. Nesse momento, deu para perceber que a discussão começou a fluir espontaneamente. A partir da fala dos alunos, pude perceber que já havia um posicionamento cristalizado por boa parte da turma e que se mostrou tendenciosamente favorável ao machismo, encarando-o como uma “forma natural” nos relacionamentos entre homens e mulheres.

Eis alguns trechos da discussão:

Aluno 1: Oh, professor! O senhor não tinha uma música mais novinha não?

Professor: Realmente essa música é bastante antiga, mas, na verdade, eu gostaria que vocês falassem o que entenderam sobre o que a letra da música fala.

Aluno 2: Ah professor! O cara tava reclamando da mulher que só queria vida boa.

Aluno 1: (risos) É professor. A mulher encontrou um besta pra pagar as contas dela e gastar o dinheiro dele.

Aluno 3: Dessa qualidade, têm muitas professor. O cara fica se matando de trabalhar e a mulher fica só em casa comendo e dormindo o dia inteiro e

nem a comida do marido ela faz.

Professor: E vocês, meninas? Concordam com o que o colega falou? É realmente assim?

Aluna 1: Professor, pelo contrário, eu conheço um casal perto lá de casa que é desse jeito: a mulher sai pra trabalhar e o marido fica forçado em casa “cuidando” da casa e do menino.

Aluno 3: Ele deve ser um corno.

Professor: Então, isso quer dizer que quem trabalha fora de casa trai seu(a) parceiro (a)? O trabalho fora de casa torna as pessoas infiéis, gente?

Aluno 3: Não, professor! Mas, a mulher que trabalha fora de casa acaba metendo um “par de chifres” no marido com o urso. (Toda turma cai na gargalhada).

Professor: Mas, as coisas não funcionam dessa maneira. Às vezes, o homem usa esse argumento para proibir a mulher de se tornar independente financeiramente. E usa o seu poder econômico para manter a mulher dependente dele. Vocês concordam comigo, pessoal?

Aluna 2 (referindo-se ao aluno 3): Isso é um machista professor! Ele pensa que mulher é bicho e tem que ficar presa dentro de casa só cozinhando, passando e tomando conta de filho. Meu filho, a escravidão acabou...

Professor (com atenção voltada para o aluno 3): Então, você acha que a mulher ideal tem que ser como a da música, “uma Amélia”?

Aluno 3: Claro, né professor. E tem melhor do que isso?

Eis um pequeno fragmento de algumas discussões que aconteceram no decorrer do primeiro momento na abordagem do tema. Deu também para perceber na fala dos jovens que já existe em nossa sociedade “regras” pré-definidas na opinião dos alunos em relação ao lugar da mulher. Esses mitos funcionam, ainda hoje, como justificativa para manter a ordem das coisas como estão, o homem no comando e as mulheres submissas.

Para encerrar a aula, pedi para que o alunado fizesse uma pesquisa sobre o tema machismo e que iniciassem a busca por imagens de diversas mídias que tivessem vestígio desse tema para serem utilizadas em outra oportunidade.

A Paraíba, o estigma do machismo e sua materialização em imagens

Para discutir esse tópico, selecionei algumas imagens fotográficas, gravuras, desenhos e pinturas que retratassem a vida, a cultura e o cotidiano do povo nordestino, em especial, do paraibano do interior do Estado. Tais imagens foram encontradas em livros didáticos, revistas, jornais e guias de roteiros turísticos. Nesse caso, especificamente, o intuito era salientar a identidade cultural, chegando o mais próximo possível do repertório visual já conhecido e vivenciado pelos alunos.

A partir dessas imagens, foram surgindo diversos comentários acerca dos seus conteúdos. Percebi que havia um reconhecimento instantâneo por parte dos alunos. Propositamente também quis evidenciar a forma como a mídia constrói e transmite a imagem do nordestino, exibindo muitas vezes apenas um pequeno fragmento do modo de vida do seu povo. Imagens de vida simples, sofrida, rural e bucólica. Muitas vezes são interpretadas por outras culturas como uma forma “primitiva” de sobrevivência, insinuando, de certa forma, a falta de civilização e sobretudo de ignorância intelectual.

A partir do conjunto de imagens apreciadas pelos alunos, perguntei a todos se havia nelas algum vestígio de machismo e quais as impressões, sensações e idéias que as imagens lhes despertavam. Muitos disseram que as imagens representavam a resistência do povo, que, apesar das dificuldades, ainda lutavam para sobreviver e que não tinha nada a ver com machismo. Outros disseram que as imagens mostravam o povo do nordeste como atrasados em ciência e tecnologia. Alguns acharam que os homens são retratados como seres grosseiros, insensíveis e possivelmente machistas.

Essa foi a primeira parte da aula, em seguida partimos para a leitura do seguinte texto: “os machistas ainda existem”, de Zenia Durani (1986, p. 69). Trata-se de um pequeno texto que se refere à maneira como os homens manipulam as “suas” mulheres a partir do seu poder financeiro, presenteando-lhes com objetos e dando-lhes dinheiro controlado, agindo como se a mulher fosse uma criança grande, cobrindo-lhes de mimo, lançando, em contrapartida, todo o controle sobre sua vida.

Após a leitura do texto, fiz a seguinte pergunta para toda a turma: Você se considera machista? Por quê? Os alunos, nesse momento, não quiseram admitir e sempre justificavam suas ações. As alunas denunciavam os colegas acusando-lhes de machistas.

Para finalizar a aula, distribuí o material (lápis colorido, grafite e papel) para que todos produzissem um desenho que representasse uma cena de machismo. Muitos ficaram angustiados por não saber desenhar e não ter nenhuma idéia em mente. Para facilitar, dei algumas dicas: pedi para que mentalizassem e imaginassem as cenas do cotidiano familiar e escolar. Deveriam analisar se nessas cenas havia ou não indícios de atitudes machistas entre as pessoas. As idéias começaram a surgir e os desenhos também.

Na aula seguinte, todo o material produzido foi exposto na sala para que pudessem fazer comentários sobre seus desenhos e os dos colegas. Foi uma atividade bastante prazerosa, pois riam da pouca habilidade em representar em desenhos suas idéias e também da falta de relação entre os desenhos e o tema..

O machismo na arte paraibana

Para trabalhar esse tópico na sua amplitude, seria necessário um tempo maior de estudo e pesquisa para incluir várias linguagens artísticas. Por esse motivo, privilegiamos os trabalhos de artistas plásticos realizados com pinturas. O material utilizado para essa atividade foi fruto de uma exposição realizada no ano de 1988, no Espaço Cultural, no município de João Pessoa-PB, intitulada de “Mostra de Arte Atual Paraibana”.

Com o material em mãos, parti para o próximo passo. Fotografei todas as imagens a serem utilizadas nas atividades e transferi para um CD para assistirmos na TV. Essa aula foi muito descontraída.

Exibimos as imagens e apresentamos os trabalhos de alguns artistas paraibanos, como Flávio Tavares, Clóvis Júnior e D. Dalva. O objetivo era procurar em suas obras alguns vestígios de machismo. À medida que a imagem aparecia na tela, várias questões eram levantadas acerca do conteúdo

da imagem e do artista. A análise era focada na procura de indícios que pudessem levantar discussões sobre a representação do machismo. Esse foi um momento muito fértil devido a participação de toda a turma. A subjetividade de cada um aflorou espontaneamente, oportunizando um momento muito prazeroso. Alguns desses momentos foram registrados em vídeo por uma câmera fotográfica que ficava ligada no momento em que os alunos conversavam a partir das imagens.

Na aula seguinte, retomamos a aula anterior, explorando as imagens captadas dos estudantes no momento em que faziam suas análises. O intuito era que cada um pudesse fazer uma auto-avaliação, tendo como ponto de partida sua própria imagem e seus respectivos posicionamentos acerca do machismo.

A representação do machismo em imagens veiculadas pela mídia

A sexualidade vem sendo exaustivamente explorada no contexto atual do mercado. A mídia propaga e manipula idéias de uma maneira rápida e eficiente. Entre os veículos de comunicação, as revistas e a televisão são imbatíveis na difusão de valores arbitrários para fixar interpretações sobre as mulheres e sua atuação na sociedade contemporânea. Em alguns momentos, é visível o domínio do homem sobre a mulher, só que de maneira velada. Assim os corpos femininos são submetidos a um processo brutal de mercantilização, resultante da exibição exacerbada da nudez para venda de todo e qualquer produto.

A imagem é o elemento visual representacional mais forte. É a concretização da idéia utilizada para convencer o expectador da importância da adesão a uma infinidade de produtos. A partir desse entendimento e constatação, surgiu a necessidade de discutir o machismo em imagens veiculadas pela mídia já que a televisão é, certamente, acessível para a maioria da população carente.

Na aula anterior, pedi para que trouxessem recortes de imagens com ou sem textos escritos, relacionados com o uso da imagem da mulher em propagandas de produtos. Esses recortes seriam analisados coletivamente na

busca de possíveis vestígios de machismo nele contidos. Outra recomendação foi para que ficassem atentos às propagandas dos comerciais de televisão, especialmente quando aparecem imagens da mulher vendendo produtos.

No dia da aula, uma aluna trouxe um recorte de revista bem interessante. Tratava-se da propaganda de um automóvel, que fazia uma analogia do seu design comparando-o com as curvas do corpo de uma mulher, sensualmente trajada à frente do veículo. Além da imagem, existia um texto escrito para reforçar a idéia e dar um duplo sentido à leitura da imagem. O texto escrito era o seguinte: “sem sombra de dúvida, não faltou inspiração para os engenheiros e designers que criaram o Peugeot 206. Um carro que se destaca tanto pela forma quanto pelo conteúdo”.

Nessa leitura, os alunos, principalmente os homens, foram bem rápidos nos comentários. Logo apontaram dizendo que a inspiração era a mulher. O desafio maior foi mostrar que essa comparação não era uma maneira eticamente correta de fazer propaganda, expondo e explorando o corpo da mulher indiscriminadamente, comparando-a a um objeto e atribuindo um caráter sexual apelativo e vulgar. Fazer com que os estudantes percebessem tais aspectos nem sempre é uma tarefa fácil. Muitos acham que o fato de estar pousando para uma revista já é uma espécie de promoção social, algo positivo, pois colocar o corpo à mostra é “estar em sintonia com a modernidade”, além de “fazer bem” aos bolsos. Pelas argumentações dos estudantes deu para perceber que os novos padrões de comportamento foram criados, não a partir de uma consciência histórica e muito menos fundamentados em padrões éticos e responsáveis. O importante papel do educador, nesse caso, é estar sempre alertando os estudantes para a reflexão acerca de seus posicionamentos, dando-lhes outras referências para contribuir na sua formação como ser humano e cidadãos. Segue um fragmento da discussão sobre a imagem em questão:

Professor: Bem pessoal, já que todos tiveram a oportunidade de apreciar um pouco esse recorte publicitário, vamos agora socializar nossas percepções e opiniões. Quem gostaria de falar primeiro, eu sugiro que seja a pessoa que trouxe o recorte.

Aluna 1: Professor, eu peguei essa foto mais não queria falar não.

Professor: Tudo bem, ninguém será forçado a falar, mas lembrem-se que é importante a participação nas atividades. Vocês lembram que eu pedi para vocês escolherem imagens que tivessem vestígios de machismo?

Aluna 1: Eu lembro professor e acho que essa tem, eu só não sei explicar.

Professor: Então, vamos circular o recorte para que todos vocês observem e tirem suas conclusões.

Turma: Ok

Professor: Agora que todos já viram o recorte publicitário, eu gostaria de saber se vocês conseguiram identificar se existem vestígios de machismo nessa imagem. Quem gostaria de iniciar os comentários?

Aluno 2: Professor, eu acho que esse tá fácil de perceber porque tem um texto escrito logo abaixo, dizendo que a inspiração dos engenheiros que criaram o modelo do carro foi inspirada nas curvas do corpo da mulher. Eu acho que é isso.

Professor: Que rapidez! É isso mesmo. Mas você acha que, nesse caso, a comparação da mulher com o carro é positiva ou negativa?

Aluno 2: Tá professor, eu acho que é positivo. Eles estão dizendo que o carro é tão bonito quanto a mulher.

Professor: Pessoal, vocês concordam com o aluno 2?

Aluno 3: Eu concordo professor, porque eles estão dizendo que a mulher é gostosa. Agora se fosse a irmã do aluno 2, aí eu iria achar que era uma piada.

Turma: Muitos risos.

Professor: Vamos deixar de provocar o nosso colega e se concentrar nessa imagem.

Turma: Muitas gargalhadas.

Professor: Eu só queria que vocês também analisassem que quando se faz uma comparação desse tipo, também está embutida na mensagem que a mulher passa a ser um objeto de desejo, o corpo da mulher está sendo explorado de uma maneira que rebaixa o seu valor como pessoa. O pior é que essa analogia está carregada de um apelo sexual muito violento. Vocês já

perceberam que esse tipo de exploração do corpo, que as mídias fazem, principalmente, a televisão e as revistas, tem como presa fácil as mulheres e, numa escala bem menor, o homem?

Aluna 4: Professor, sabe aquele programa que tinha da banheira do Gugu, que as mulheres apareciam agarrando o homem para ele não pegar o sabonete? Não tinha nada a ver, mas só o que aparecia era o foco em cima da bunda das mulheres. Quase não focavam os homens. Quando eu criticava o jeito como as mulheres apareciam, meus próprios irmãos diziam que eu tava era com inveja.

Aluno 2 (para a aluna 4): Então você quer dizer que queria que o “câmera” filmasse os caras, não é?

Aluna 4 (para o aluno 2): Meu amigo, direitos iguais, do mesmo jeito que os homens gostam de ver as mulheres bonitas, as mulheres também gostam de ver os homens bonitos.

Esse foi apenas um recorte do que aconteceu nessa aula, os exemplos foram vários e as discussões também. O que mais chamou a atenção foi a disposição que os estudantes têm para participar desse tipo de discussão. Percebi que se sentem estimulados em falar de algo que fazem parte do cotidiano deles, principalmente quando se trata de assuntos ligados às personagens famosas do meio artístico. É quase uma espécie de idolatria: o culto ao corpo e as celebridades.

Após o término dessa primeira fase da aula, pedi para uma aluna ler um pequeno texto sobre cultura de massa, no qual está registrado:

É preciso chegar à raiz das ideologias para descobrir seus objetivos reais. A mulher conscientizada, atenta à nova época, já não é a mesma presa fácil dos manejos dominadores, como os da antiga família patriarcal. Porém, como os recursos dos meios de comunicação são bem mais amplos e sofisticados, os riscos continuam a existir, ainda que sob uma aparência de evolução positiva (DURANI, 1986, p. 38).

Apesar de o texto ser curto, porém muito consistente, foi possível fazer uma rápida análise histórica das mulheres na sociedade, dos movimentos feministas e suas lutas para conquistarem seus espaços sociais e políticos.

Sabemos que essa “consciência” precisa ser preservada e repassada para as gerações atuais e futuras como forma de valorização e manutenção da justiça social e em pacíficas condições de convivência entre homens e mulheres.

O machismo no cinema

Para falar sobre o machismo, não poderíamos deixar de fora uma linguagem tão significativa e presente no cotidiano dos alunos como o cinema. É, sem dúvida, um dos canais de entretenimento e lazer preferido de todos os públicos, inclusive, dos adolescentes. Várias são as pesquisas que apontam para índices crescentes de aquisição de aparelhos eletrônicos nas residências mais carentes. Em Mari/PB, essa realidade não é diferente. Há mais de um ano lecionando nesse município, ainda não entrei em nenhuma residência de aluno ou conhecido que não tivesse um aparelho de televisão. Muitas são as formas de pagamento e facilidades para se adquirir uma TV. O crescente avanço tecnológico tornou cada vez mais fácil e popular o acesso dos estudantes ao que tem de mais atual no cinema. Sabemos também que a pirataria acaba contribuindo para que esse rápido acesso seja possível.

Em meio às atividades relacionadas ao Projeto “O Machismo em Imagens”, que aconteceram com a turma do 9º da E.M.E.F. Prefeito Epitácio Dantas, a inclusão de filmes foi uma solicitação dos próprios alunos. Como não era objetivo do projeto tratar de apenas uma linguagem artística nas aulas de Artes Visuais, selecionei um filme que tivesse relação com a temática do projeto. O filme escolhido para fazer parte das atividades desse projeto foi *Se Eu Fosse Você*, uma comédia brasileira recente. Fiquei um pouco apreensivo por temer que os alunos já tivessem assistido. Para minha sorte, poucos tinham assistido. Antes de exibir o filme, falei sobre a estreita relação do filme com a temática do machismo. Tal como nas apreciações de obras de artistas, nos recortes de revistas, nas propagandas veiculadas pela mídia, a atividade tinha como objetivo a análise do filme por escrito, destacando as cenas de machismo e a socialização desse material na aula seguinte.

Ressalto, portanto, o quanto foi relevante a experiência vivenciada no projeto “O Machismo em Imagens” com os alunos da E.M.E.F. Prefeito

Epitácio Dantas no município de Mari-PB. Foi uma excelente oportunidade para evidenciar a importância de tratar de temas relacionados com a vida do alunado, especialmente abordando um assunto extremamente atual. Demonstra também como as questões sobre o machismo podem ser discutidas a partir de um amplo repertório de imagens.

ⁱ O Grupo de Pesquisa em Ensino das Artes Visuais, do Departamento de Artes Visuais, da Universidade Federal da Paraíba (GPEAV-DAV-UFPB) é coordenado pelo Prof. Dr. Erinaldo Alves do Nascimento e conta atualmente com a participação dos estudantes da Licenciatura em Artes Visuais - Roberto Andrade Câmara, Shirley Moreira Tanure e Mary Tacyana Alves Clemente. A Licenciatura em Educação Artística – Artes Plásticas - está representada pelo estudante Evaldo Miranda de Araújo. O grupo conta ainda com a participação da professora Eliane Honorata da Silva, formada em Artes Plásticas, pela UFPB, e da professora Maria Rosicely Fausto de Oliveira, ex-aluna da Licenciatura em Educação Artística, que atualmente atua na Rede Estadual e Municipal de ensino da cidade de João Pessoa/PB.

Referências:

DURANI, Zenia. O despertar da mulher é o despertar do homem. 2ª ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986.
NASCIMENTO, Erinaldo Alves. **Em busca de diálogos significativos nas aulas de artes visuais**. 5 p. Trabalho não publicado.
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTOS / SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997b. vol. 6: arte.
MOSTRA ARTE ATUAL PARAIBANA. João Pessoa, agosto de 1988.

Currículo Resumido:

Evaldo Miranda de Araújo é estudante do Curso de Licenciatura em Educação Artística – Habilitação Artes Plásticas. Atua como professor de Artes na E.M.E.F Prefeito Epitácio Danta, no município de Mari/PB. Membro do Grupo de Pesquisa de Ensino em Artes Visuais e do Grupo de Pesquisa em Arteterapia e Educação em Artes Visuais, ambos da Universidade Federal da Paraíba.